

## HETEROTOPIAS E OS GESTOS DE LEITURAS EM MICHEL FOUCAULT

André Luiz dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** A proposta do artigo é discutir a leitura de Foucault em uma perspectiva heterotópica. O espaço da leitura é pensado como lugar da diferença, mobilizada por inquietações, incitações, interrogações e distanciamentos. Nos espaços da leitura em Foucault é necessário estar atento a certo nomadismo, a certos desvios de suas leituras. Os gestos de leitura em Foucault afastam-se de qualquer tipo de imposição sobre esse uso ou a necessária reafirmação do que escrevia. O que se coloca com esses gestos é a própria possibilidade do leitor se perder, necessariamente procurar percorrer outros caminhos.

**Palavras-chave:** Heterotopia. Leitura. Foucault.

**ABSTRACT:** *Heterotopies and the reading gestures in Michel Foucault* Abstract: the purpose of the article is to discuss Foucault's reading in a heterotopic perspective. The reading space is thought of as the place of difference, mobilized by concerns, incitement, questions and distances. In the spaces of reading in Foucault, it is necessary to be aware of a certain nomadism, certain deviations from reading. The reading gestures in Foucault move away from any kind of imposition on this use or the necessary reaffirmation of what he wrote. What is posed with these gestures is the possibility of the reader getting lost, necessarily seeking to take other paths.

**Keywords:** *Heterotopie. Reading. Foucault.*

### INTRODUÇÃO

É muito conhecida a dificuldade de seguir um caminho único na leitura dos textos de Michel Foucault. Seria em vão a busca de um autor que ofereça uma sucessão coerente de ideias que se esgota em uma teoria pronta e acabada para o nosso uso. A própria ideia de autor compõe os seus espaços de problematizações acerca da leitura e da escrita. Nesses espaços, mais do que a força das repostas que encontramos em nossas leituras, interessa a intensidade e a permanência dos problemas, o que poderá mobilizar um “*pensar diferentemente do que se pensa*”. A diferença é o que se coloca na sua relação com o leitor, mais do que uma conversão, identificação ou adesão.

Foucault em momentos distintos de seus escritos se refere a necessidade de percorrer outros caminhos, a liberdade de andar por estradas desconhecidas, a liberdade de se perder.

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Em diferentes momentos de suas leituras e de seus escritos nos deparamos com um inusitado, que coloca em questão o que afirmava até então, ou as próprias referências que utilizava. No entanto, volta-se também para as interdições ao pensamento errático daqueles que desejam transitar por outros caminhos. Ao se referir aos infames, pergunta sobre o nomadismo errante daqueles que viajam por estradas desconhecidas e quer “*saber a razão pela qual se quis impedir os pobres espíritos de passearem pelas estradas desconhecidas*” (FOUCAULT, 2012, p. 200).

Podemos supor que seria um equívoco a leitura de Foucault que se abstinisse da problematização de seus textos. Mas nessa economia de leitura, em que a proximidade do autor apresenta os seus riscos, qual seria o espaço do leitor? É claro que a questão é distinta de impor modos de leitura. Seria uma pretensão contraditória ao que se propõe. Talvez, a questão do leitor e seus espaços na leitura de Foucault se aproxime mais com os modos e gestos através dos quais frequentamos os diferentes espaços de seus textos: seja pelas vias da intensidade (como se anuncia na vida dos homens infames), seja em função de suas aproximações com a arte e a literatura (como se apresenta no texto sobre as heterotopias), seja para colocar em questão o que denominou de *monarquia do autor* ou mesmo o retorno a condição de texto (como o faz na *História da Loucura*).

Em seu texto sobre as heterotopias Foucault se refere a lugares absolutamente diferentes, lugares conhecidos pelas crianças e que podem ser chamados de contraespaços. Esses espaços, *contestações míticas e reais do espaço em que vivemos*, podem ser “os jardins, os cemitérios, os asilos, as casas de tolerância, há as prisões, as colônias de férias do Clube Mediterrâneo, e tantos outros” (FOUCAULT, 2013, p.20). O próprio corpo, lugar da utopia, parece mover-se nesses espaços, quando obstinadamente cria o mito da alma para livrar-se de sua “*triste topologia*”. Mas, se indagamos sobre o espaço da leitura, trata-se ainda de um espaço heterotópico? Ao nos referirmos a esses espaços, ou contraespaços, poderíamos pensar na leitura como um desses “*lugares reais fora de todos os lugares*”?

## **DISPOSIÇÃO TOPOLÓGICA DA LEITURA**

Diferentes autores tratam da disposição topológica da leitura. Barthes (2004, p. 64) trata o texto como uma construção

de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor.

O leitor é o espaço de inscrição que se inscrevem as citações que são feitas em uma escritura. O leitor como *alguém* sem história, sem biografia e sem psicologia. Para Barthes (2004) a relação entre o leitor e o texto é uma relação regulada, uma ‘proporção’, entre os elementos do texto que permitiriam ao leitor imprimir uma postura, uma distância. Talvez, a partir dessa proporção ou dessa distância, seja possível a Barthes tratar o espaço da escritura como um espaço a ser percorrido, não penetrado. Aliás, o texto é “*passagem, travessia*” e o leitor “*passeia*”. Proust (2011, p.20) também se ocupou com a questão topológica da leitura. A leitura será apresentada como diferença, não mais um espaço onde se encontra somente a imagem do próprio gosto,

Para mim, não me sinto viver e pensar senão num quarto onde tudo é criação e a linguagem de vidas profundamente diferentes da minha, de um gosto oposto ao meu, onde eu não reencontre nada de meu pensamento consciente, onde minha imaginação se exalte e sinta mergulhada no seio do não eu.

A leitura não é nessa perspectiva um caminho ou uma viagem que nos tornará proprietários de verdades. Para Proust (*Idem*, p. 40) a leitura, “*a maneira que dizem os geômetras*”, não se apresenta como uma verdade surda ao pensamento ou

como uma coisa material, depositada entre as folhas dos livros como um mel todo preparado pelos outros e que não temos senão de fazer o pequeno esforço para pegar nas prateleiras das bibliotecas e, em seguida, degustar passivamente num repouso perfeito do corpo e do espírito.

A leitura se apresenta como iniciação, mais do que oferecer respostas ou verdades, pode levar a incitações ou as suas próprias insuficiências. Talvez, por isso, a distância seja possível em um espaço de solidão,

Porque ele não estava situado senão numa distância de alma, dessas distâncias que não se medem por metros e por léguas como as outras, e que, aliás, é impossível confundir com elas quando se olham os olhos “*distantes*” dos que pensam “*em outra coisa*”. E aí? Esse livro não era senão isso? (*Ibidem*, p. 25).

Tanto Barthes quanto Proust guardam em seus escritos momentos de interrogação da leitura. O espaço da leitura em Proust é de silêncio e solidão que dispensa toda polidez,

deferência e gratidão. Talvez, assim se justifica a afirmação de que “*com os livros, não há amabilidades*”. Quanto a Barthes, trata-se de um contemporâneo de Foucault e se ocupam de temas e problemas próprios de seus tempos, portanto, próximos. É Barthes quem se refere a uma leitura de cabeça alta, levantando a cabeça. Uma leitura mobilizada pelas inquietações, pelo afluxo de ideias, associações e excitações. Ler levantando a cabeça é interrogar a própria leitura e um gesto de distanciamento.

Talvez, essas topologias visitadas apontem para possibilidades de diferentes gestos de leituras, sejam aquelas que são movidas pela paixão, sejam aquelas atravessadas por indiferenças e ambiguidades, sejam aquelas movidas pelo silêncio e a solidão. Porque não dizer da leitura que reconhece no texto o próprio texto e suas margens, esse limiar em que o leitor figura com o seu próprio texto. Esse limiar de extensões que escapam ao autor. Esse limiar de infidelidades e encontros. Esse espaço outro das diferenças.

## FOUCAULT E OS ESPAÇOS DA LEITURA

É do lugar ocupado por Proust em seu despertar que Foucault pergunta sobre o corpo utópico. O corpo como lugar da utopia e do poder utópico que se volta contra si próprio. Lugar que se abre ao mundo e a um *contramundo*,

Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois, é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele - e em relação a ele como em relação a um soberano - que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. (FOUCAULT, 2013, p.14)

Trata-se ainda de distâncias. A pergunta é de um leitor, de um lugar em relação a leitura. Um gesto de leitura que é movido pela diferença, mas do que a busca do mesmo. Mas as distâncias, a maneira de Proust, não são físicas, não são mensuráveis. Talvez, a referência de Foucault a literatura como “*o espaço invisível da linguagem*” seja interessante para tratar da questão do espaço do leitor em seus textos. Se a literatura “*recorta e repete infinitamente no céu de todos os livros possíveis*”, também se apresenta como “*a relação que está se constituindo, que está se tornando obscuramente visível, mas ainda não pensável, entre a linguagem e o espaço*” (FOUCAULT, 2000, p. 173).

A relação de Foucault com a literatura nos aponta a necessidade de estar atento a certo nomadismo, a certos desvios de suas leituras. Nessa perspectiva pensar essa relação com a literatura é também voltar-se para os diferentes deslocamentos do pensamento foucaultiano. Kraemer (2011, p. 45) afirma que “*é a própria possibilidade de pensar (Philosophieren) que está imbricada no gesto de recorrer a literatura*”. Haveria certa preferência pela literatura, assim como com as ciências, as artes e documentos institucionais. Para Ternes (2009, p. 21) Foucault “*não fez filosofia de, simplesmente... Trabalhou preferencialmente, textos de ciências, literatura, pintura e documentos institucionais. Não fez deles, porém, uma propriedade. Utilizou-os como ferramentas de seu próprio pensamento*”. A literatura se constitui como um espaço importante do “pensar diferente”.

No entanto, o fascínio de Foucault pela literatura é mais localizável em seus estudos arqueológicos. A mudança da relação com a literatura coincide com a mudança de seus estudos, com o início de suas investigações genealógicas. Para Machado (2009) essa mudança demarca o afastamento do problema da linguagem<sup>2</sup>. O discurso passa a ser mais importante em seus estudos. Foucault se volta para os “*discursos anônimos, como os dos loucos, dos presos, dos operários, que nunca ultrapassaram os limites da instituição literária*” (MACHADO, 2009, p. 125). O discurso estaria sujeito a sistemas complexos de restrição. Para Foucault (1996, p. 40)

Mas que ninguém se deixe enganar; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não permutabilidade. É bem possível que o ato de escrever tal como hoje está institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor, tenha lugar em uma “sociedade de discurso” difusa, talvez, mas certamente coercitiva.

No entanto, se cabe pensar nas formas de coercitividade da literatura, colocar em questão o espaço da liberdade ou da transgressividade da escrita literária, não se pode afirmar que Foucault abandonará definitivamente a literatura como uma referencialidade de seu pensamento. Sade seria uma referência exemplar nesse sentido. Em um primeiro momento é reconhecido como parte de uma “*genealogia da exterioridade narrativa*

---

<sup>2</sup> Para Foucault a literatura é um acontecimento da modernidade, “ela seria, por direito de nascimento, por se dirigir às fontes da linguagem, a configuração da própria experiência trágica” (VAZ, 1992, p. 18).

*própria da modernidade*". Estaria próximo de Nietzsche, Mallarmé, Artaud e Lautréamont, de nosso próprio tempo. Seria nosso contemporâneo, como afirmara Klossowski (1985). Essa proximidade é interessante por indicar como a própria noção de contemporaneidade poderia estar ligada as distancias que estabelecemos na leitura de um autor, especificamente em relação as disputas que ocorrem em torno dessas leituras.

Mas os gestos de leitura mudam e nos estudos genealógicos Sade é colocado ao lado daqueles que afirmam as novas tecnologias do poder, que sujeitam “*o desejo e o prazer à mecanização disciplinar*”. Aproxima-se também da pastoral cristã da confissão que quer reduzir o sexo a uma vontade de saber, interessada não somente na verdade do sexo, mas em transformá-la em nossa própria verdade. Sabot (2013) identifica uma outra perspectiva das leituras foucaultianas de Sade. Uma leitura que não se dá apenas “*na margem das pesquisas sobre a sexualidade e o poder*”. Uma leitura voltada para o Iluminismo e aos seus limites. Uma leitura que Foucault se vale para colocar em questão as alternativas simplórias e autoritárias de libertação.

Ainda podemos considerar, conforme afirma Machado (2009, p. 125), sobre a relação de Foucault com a literatura, que “[...] *é o abandono do seu privilégio, o desinteresse pela questão do ser da linguagem, o distanciamento da tese da intransitividade da escrita literária*”. Nesse sentido, o quanto o espaço da literatura deixa de ser transgressor, não mais aberto as experiências extremas do pensamento. Não por acaso em seu texto *A vida dos homens infames* retira tudo que pode ser literatura e imaginação e sai em “*busca dessas espécies de partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto menores elas próprias o são, e difíceis de discernir*” (FOUCAULT, 2012, p. 201).

## **FOUCAULT E OS SEUS LEITORES**

São exíguas as referências às relações de Foucault com os seus leitores. Pode-se dizer da generosidade com que se dispunha a aceitar as gravações de suas aulas<sup>3</sup>. Pode-se falar do

---

<sup>3</sup> “*Foucault era bastante liberal e generoso quanto a possibilidade de apropriação de sua palavra, uma vez que circulavam, antes das edições francesas de suas lições ministradas no Collège, um conjunto de volumes em espanhol, italiano e português, fruto de diversas transcrições: durante seus cursos, funcionavam centenas de gravadores, aos quais ele não prestava muita atenção*” (CHARTIER, 1999, p. 28).

uso de suas ideias como ferramentas e que diz respeito a forma como suas análises ou ideias seriam utilizadas<sup>4</sup>. Não havia qualquer tipo de imposição sobre esse uso ou a necessária reafirmação do que escrevia. Para Machado (2017, p. 102),

O importante para Foucault não era a busca continuada de fundamentação de suas ideias; era o uso delas como instrumento – provisório, parcial, imprevisto – para que outros apresentem suas próprias ideias, criem seus próprios pensamentos.

Podemos supor que não há uma exigência de fidelidade de seus leitores<sup>5</sup>. Não seria absurdo supor também uma leitura em que o autor sai de cena, desaparece, deixando o leitor a sós com as suas próprias ideias, questões e inquietações mobilizadas por seu texto. Nessa perspectiva, abordaríamos a questão do espaço do leitor considerando a própria aproximação com Foucault: a questão de estar junto com Foucault, ler Foucault com Foucault e de estar só, de lê-lo na sua ausência. Talvez, até mesmo um espaço para seus leitores de um Foucault contra Foucault<sup>6</sup>. Uma outra imagem dessa relação com o leitor é a que remete a leitura como um campo de batalhas. Canguilhem (2012, p. 20) descreve a

---

<sup>4</sup> Foucault, em relação a apropriação de suas ideias pelos seus leitores, trata com um certo humor a forma como o movimento de antipsiquiatria havia se apropriado de seu livro sobre a loucura, “*essas pessoas, certamente, desenvolveram seu movimento a partir de suas próprias ideias e de suas próprias experiências como psiquiatras, mas viram no livro que eu escrevera uma espécie de justificativa histórica e, de algum modo, elas o reassumiram, reconsideraram e, até certo ponto, se encontraram, e eis que esse livro histórico está em via de ter uma espécie de resultado prático. Digamos então que estou um pouco ciumento, e que agora gostaria muito de fazer as coisas eu mesmo*” (FOUCAULT, 2012, p. 34).

<sup>5</sup> Para Veiga-Neto (2006, p.82), “*Essa questão da (in)fidelidade a Foucault já é, por si só, deveras interessante. Ela já marca a atmosfera que o cerca em seu trabalho. E ela importa tanto em termos estritamente técnicos para quem trabalha com o filósofo quanto em termos aplicativos e práticos para aqueles muitos outros que, se valendo dele, dedicam-se a pensar o —e militar no— campo dos saberes e das práticas sociais. Se por um lado a (in)fidelidade representa um risco, por outro lado talvez esteja justamente aí a oportunidade de fazermos aquilo que o próprio Foucault queria que fizéssemos dele e com ele: usá-lo como um instrumento, um bisturi, uma tática, um coquetel molotov, fogos de artifício a serem carbonizados depois do uso. Eis aí um entendimento que compõe a ambientação da oficina do filósofo e que tem de ser levado em conta quando estamos trabalhando em nossa própria oficina*”.

<sup>6</sup> Não é incomum entre seus leitores a referência Foucault contra Foucault. Um exemplo da difusão dessa referência é utilizado na leitura que Judith Butler (2003) do rápido texto de apresentação de Herculine Barbin. Haveria contradições entre o que Foucault apresenta na História da Sexualidade e o que discute no texto sobre Herculine Barbin. Em sua leitura Foucault haveria negligenciado as relações de poder que constroem e condenam a sexualidade de Herculine. Dessa forma, a leitura dos diários de Herculine seria uma forma ou oportunidade de ler Foucault contra ele mesmo. Voltaríamos a questão de como estar junto com aquele que se volta para “o descaminho daquele que conhece”?

imagem desse leitor, como alguém imerso nas poeiras dos livros, interessado nos livros que dormem nas bibliotecas,

Encontra-se aí uma das razões do estupor que a leitura de Foucault suscitou em vários de seus críticos. Ele não cita nenhum dos historiadores desta ou daquela disciplina e só se refere a textos originais que dormiam em bibliotecas. Falou-se de “poeira”. E de fato. Mas, assim como a camada de poeira sobre os móveis indica a negligência das faxineiras, a camada de poeira sobre os livros indica as frivolidades das escritoras.

É em nome dessa leitura, que se inquieta com o sono dos livros, que Foucault se refere ao que denomina de “*maçonaria da erudição inútil*”. Muito provavelmente um tipo de bibliofilia na qual são tomados aqueles que se interessam por escritos empoeirados, por livros nunca lidos. Trata-se para Foucault (1979, p.168) daqueles que

professam um saber inútil, uma espécie de saber suntuoso, uma riqueza de novos-ricos cujos signos exteriores estão localizados nas notas de pé de página; que conviria a todos aqueles que se sentem solidários com uma das mais antigas ou mais características sociedades secretas do Ocidente, estranhamente indestrutível, desconhecida na Antiguidade e que se formou no início do Cristianismo, na época dos primeiros conventos, em meio às invasões, aos incêndios, às florestas: a grande, terna e calorosa maçonaria da erudição inútil.

Esse belo relato, uma defesa da erudição, uma declaração de amor aos livros e uma defesa da liberdade do leitor, especialmente daqueles errantes que desejam andar por estradas desconhecidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é uma discussão à margem do que Foucault escreveu e pensou. No entanto, isso não significa que seja algo menos importante, considerando o imenso espaço de suas margens. Esses espaços, marcados pela intensidade, pela diferença, pela liberdade de se perder, podem ser pensados como espaços heterotópicos. Esses espaços “*que são absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los*” (Idem, 2013, p.20). Um espaço aberto aos diferentes encontros, às estranhas vizinhanças. Um espaço outro. Tratar a leitura como um espaço heterotópico é reconhecê-la como diferença, como algo não mensurável, como



passagem e travessia. É nesse lugar do nômade o nosso encontro com Foucault. Lugar de uma difícil proximidade. Machado (2017, p. 52) faz um interessante relato sobre as suas leituras de Foucault,

Primeiro, compreendendo que se trata do pensamento de Foucault, e não da resolução de uma questão, seja ela qual for. Segundo, compreendendo que aquele é seu pensamento em determinado momento de suas pesquisas. E isso obriga quem quiser pensar os mesmos temas não certamente a tentar esquecê-los, mas a tomar distância e ousar expor suas próprias reflexões

Certamente isso pode ser entendido como uma forma um tanto pretensiosa de leitura. Um lugar fora da absolutização do autor e de nós mesmos. Talvez, por isso, tratar a leitura como uma forma de incitação ou inquietação. Algo diferente do que usualmente praticamos em nossas leituras, muito voltadas para certas formas de apropriação e recepção dos discursos. Os diferentes deslocamentos, desvios das leituras de Foucault, parecem indicar um autor que saí de cena, que deixa o leitor a sós com as suas próprias questões. Trata-se também da própria possibilidade do leitor se perder, necessariamente procurar percorrer outros caminhos. Dessa forma, se coloca a seus leitores diferentes possibilidades ao pensamento, sejam as que colocam em o próprio Foucault. Também, diferentes possibilidades de discursos, sejam os que se voltam para as poeiras de uma batalha, sejam os que se voltam para Foucault e os gestos de leituras de seus textos, como é o nosso caso aqui.

## REFERENCIAS

**BARTHES**, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

**BUTLER**, Judith. Problemas de Gênero. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

**CANGUILHEM**, Georges. Michel Foucault: morte do homem ou esgotamento do Cogito? Goiânia: Edições Ricochete, 2012.

**CHARTIER**, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

**FOUCAULT**, MICHEL. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade II: o uso dos prazeres. São Paulo: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. O corpo utópico, As heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

**KLOSSOWSKI**, Pierre. Sade, meu próximo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

**KRAEMER**, Celso. Crítica, liberdade, arte e transversalidade em Michel Foucault. In. **REZENDE**, Haroldo (Org.). Michel Foucault: transversais entre educação, filosofia e história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

**MACHADO**, Roberto. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. Impressões de Michel Foucault. São Paulo: n-1 edições, 2017.

**PROUST**, Marcel. Sobre a leitura. Campinas: Pontes, 2011.

**SABOT**, Phillipe. Foucault, Sade e as Luzes. REDISCO. Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, p. 111-121, 2013

**TERNES**, José. Michel Foucault e a idade do homem. Goiânia: Ed. UCG/Ed. UFG, 2009.

**VAZ**, Paulo. Um pensamento infame. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

**VEIGA-NETO**, Alfredo. Na oficina de Foucault. In: **GONDRA**, José; **KOHAN**, Walter (org.). Foucault 80 anos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.